

Entrevista
Cazarré,
escritor premiado

ver L E T U R A S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 23 de março de 1995



ouvir

refletir

Agitando
MP.95
o meio
cultural

Andanças e milongas

□ Danilo Gomes

Manhã de sábado. Ainda não estava frio como agora. Era uma manhã de sol brando, num céu opala sem nenhum fiapo de nuvem. Um céu de um azul claro de porcelana chinesa, um puro céu de Brasília. Eu fazia essa caminhada de uma hora que os médicos recomendam, especialmente para nós, que já dobramos o cabo dos cinquenta anos. Passou por mim, esbelto, lépido, o Dr. Paulo Sotero. Passou por mim a bonita jornalista da TV. No Lago Norte moram muitos colegas jornalistas. Alguns caminham, para terem direito à cerveja bem gelada como o Aylé-Salassié Quintão. Algecira Amaral, dinâmica, distribui seu bravo jornal. Graça Amorim também caminha, para manter a forma.

Pois naquela manhã topei, mais uma vez, com o veterano jornalista Oliveira Bastos. Ligeiro, mas sem se esfaltar, sempre de bom humor. Saudamo-nos. E sem parar sua peregrinação asfáltica-lacustre ele soltou mais essa lição de sua sabedoria:

— Caminhar é o remédio mais barato. A saúde do velho está nos calcanhares.

E lá se foi, fagueiro, rumo à Quiquart, direto aos bolinhos de bacalhau de D. Siléia. O danado sabe das coisas. Só está nos devendo um livro de memórias...

Sobre certas figuras da História já se escreveram verdadeiras bibliotecas. É o caso de Napoleão Bonaparte, personalidade que até hoje fascina o imaginário popular. Está sempre aparecendo um novo livro sobre o "Pequeno Caporal", o vencedor de Austerlitz e Marengo, o perdedor de Waterloo.

Agora é a vez de René Maury, professor de Ciências Econômicas da Universidade de Montpellier. Sua obra será lançada em breve. Ele afirma que o Imperador foi assassinado com arsênico, no seu exílio na tenebrosa Ilha de Santa Helena, pelo Conde Charles de Montholon, que ambicionava sua herança. Para o pesquisador, Montholon cometeu "o crime mais perfeito da História", e é o que ele pretende provar. Ora, esse conde era, de fato, um dos mais íntimos

auxiliares do soberano destronado, que morreu com problemas de estômago. Culparam o médico italiano Antommarchi, que deixou o livro "Os Últimos dias de Napoleão". O próprio Montholon escreveu a obra intitulada "História do Cativo".

Há pouco saiu a edição brasileira, pela editora Ars Poética, do livro de Julia Blackburn, "A Última Ilha do Imperador — Uma Viagem à Ilha de Santa Helena", leitura imperdível. A historiadora escreve, à pág. 86: "Talvez Montholon tenha envenenado Napoleão com cuidadosas doses de arsênico, no fim; mas foi um dedicado companheiro até essa hora, e um dos poucos que sobreviveram por todo o tempo de seu cativo. E de qualquer modo, após todos aqueles anos que Napoleão levou para morrer, isso poderia ter sido bondade e não traição."

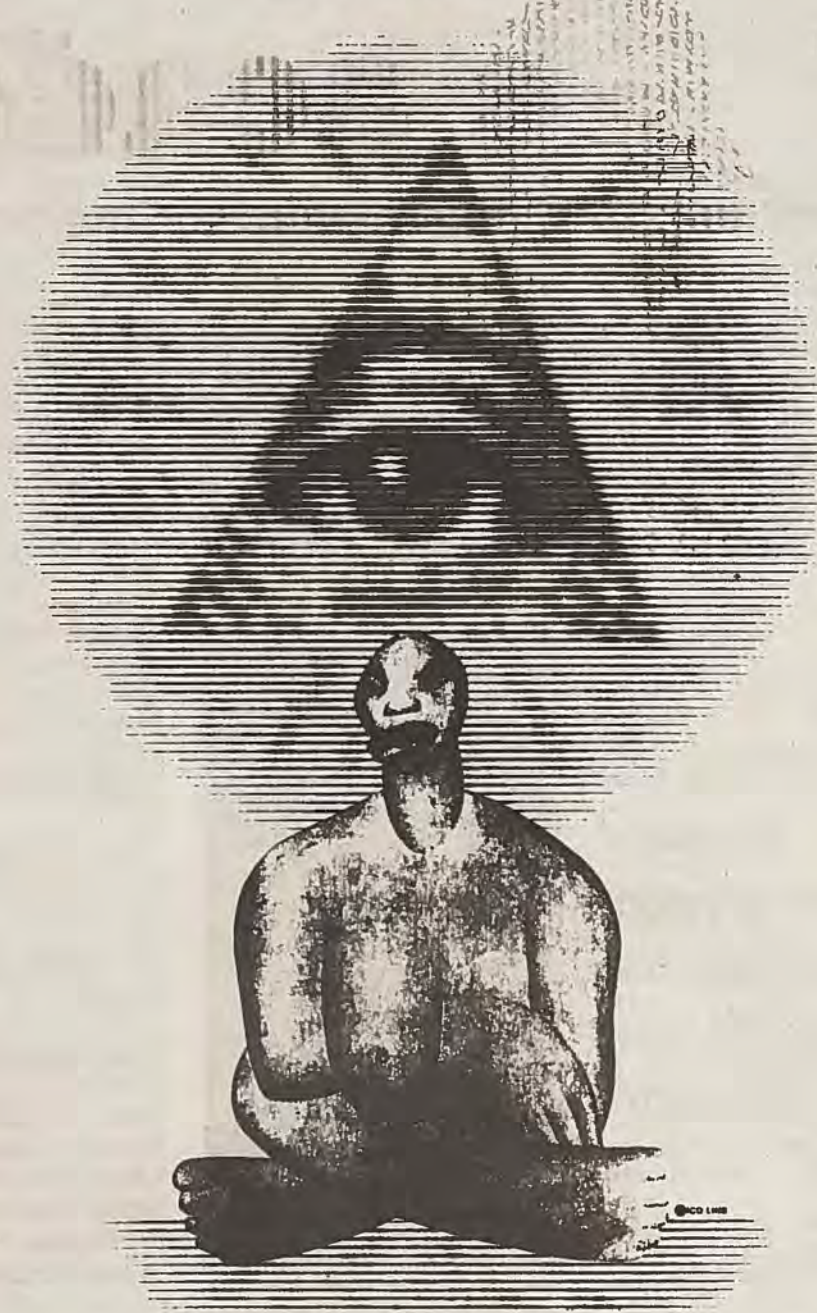
Bondade? Traição? Misericórdia? Crimes? Vamos ver o que René Maury diz sobre isso. Como lá diz o outro, "há controvérsia."

Só para encerrar o tópico: acaba de sair na França o livro "Napoleão — Relatos dos Anos de Glória por seu Secretário e seu Mordomo", de Jean Tulard. Que vem a ser o maior especialista da atualidade em matéria de Napoleão Bonaparte.

Outra personalidade que parece imortal é Carlos Gardel, o francês que se tornou ídolo na Argentina e no mundo. Durante a Bienal do Livro, em agosto do ano passado, em São Paulo, o poeta e jornalista José Lino Grunewald lançou "Gardel, Lunfardo e Tango". Lunfardo é a gíria que se fala na belíssima cidade de Buenos Aires. Trata-se, se não me engano, do primeiro livro brasileiro sobre o assunto. O autor é um estudioso da vida de "El cantor", do tango e outras milongas portenhas. Uma edição da Nova Fronteira.

Uma das mais interessantes obras sobre o assunto foi escrita por Horacio Salas, "El Tango", da editora Planeta, terceira edição em 1989, com um prefácio-ensaio do grande Ernesto Sábato, 351 páginas.

□ Danilo Gomes, cronista, é vice-presidente da Associação Nacional de Escritores-ANE.



Cultura e Turismo em Brazlândia

A valorização da cultura é o "pontapé" inicial para um amplo processo de melhoria das condições de vida da população. Por pensar dessa forma, o deputado Zé Ramalho (PDT) resolveu inaugurar seu mandato legislativo apresentando um projeto de lei para desenvolver o potencial cultural e turístico de Brazlândia, cidade onde reside há 28 anos.

A Proposição tem o

objetivo de incluir a satélite definitivamente no roteiro turístico do DF, valorizando o que Brazlândia tem de mais belo: um vasto cenário ecológico repleto de grutas e cascatas, complementado por um rico artesanato regional e festas típicas.

"Ao investir nesse potencial, estaremos, ao mesmo tempo, criando novos empregos e contribuindo para a redução da miséria no DF", explica o deputado, que

já conseguiu atrair a atenção até mesmo da secretária de Turismo do DF, Maria de Lourdes Abadia.

O projeto de lei já é, por si só, um roteiro turístico obrigatório àqueles que desejam conhecer as maravilhas que compõem a Região Administrativa de Brazlândia. Faz uma descrição sumária do meio ambiente, do potencial cultural e da estrutura de recreação e lazer de que a

cidade dispõe, com sugestões para melhorá-los e adequá-los ao público.

A construção da Casa da Cultura é uma das sugestões propostas pelo projeto. O local comportará teatro, concha acústica, biblioteca pública, escolinha de arte e cultura e salas para cinema e de múltiplo uso (para aulas, oficinas, vídeos, acervo turístico da região), além de lanchonetes, vestiários e dormitórios para os artistas.



Zé Ramalho

PDT